

Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal em 2019

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplag) atualiza as estatísticas de exportação e do emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos têm como fonte o Sistema Comex Stat, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

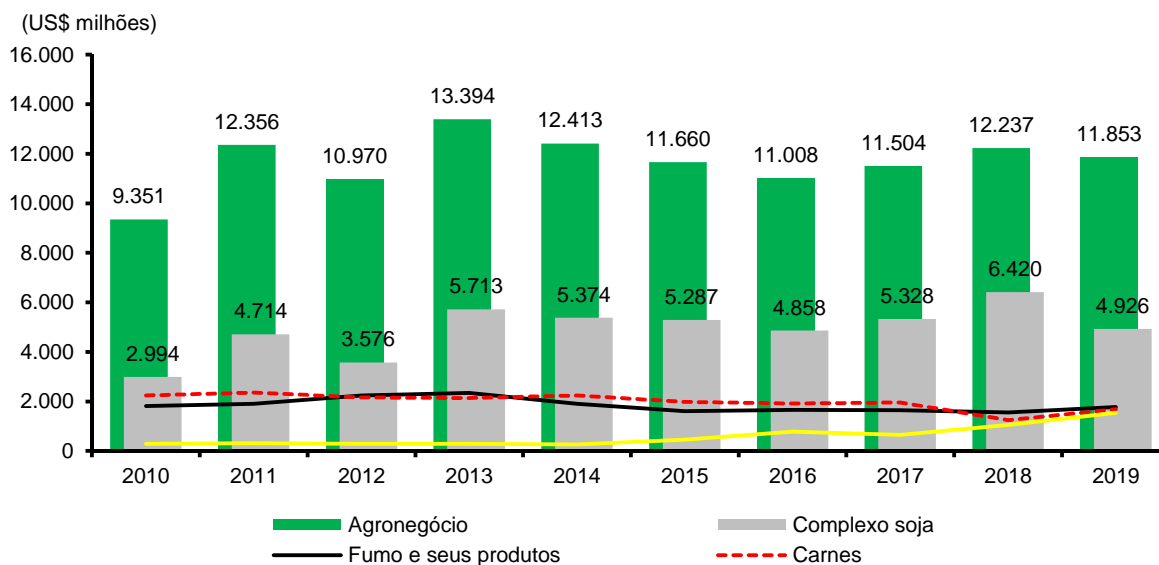
Em seguida, são descritos, brevemente, os resultados do Rio Grande do Sul, referentes a 2019, comparativamente ao ano anterior.

1 Exportações

As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 11,8 bilhões em 2019. Comparativamente ao ano anterior, ocorreram quedas no valor (-3,1%), no volume exportado (-1,0%) e nos preços médios (-2,2%). Em termos absolutos, a redução do valor exportado foi de US\$ 384 milhões.

Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2010-19

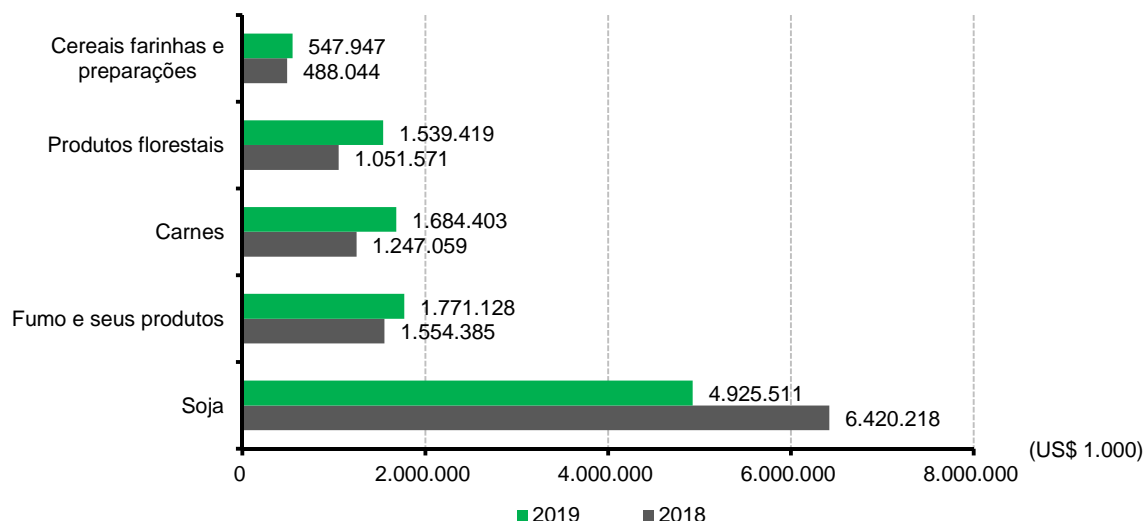


Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio em 2019 foram: complexo soja (US\$ 4,9 bilhões), fumo e seus produtos (US\$ 1,8 bilhão), carnes (US\$ 1,7 bilhão), produtos florestais (US\$ 1,5 bilhão) e cereais farinhas e preparações (US\$ 547,9 milhões). O resultado negativo do ano foi determinado pela queda das exportações do complexo soja (menos US\$ 1,5 bilhão; -23,3%). Em contrapartida, ocorreram crescimentos significativos nos setores de produtos florestais (mais US\$ 487,8 milhões; 46,4%), de carnes (mais US\$ 437,3 milhões; 35,1%) e de fumo e seus produtos (mais US\$ 216,7 milhões; 13,9%). Portanto, entre os principais setores exportadores, apenas o complexo soja apresentou retração nas vendas em dólares.

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2018 e 2019



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

No caso do complexo soja, a queda em 2019 ainda reflete as condições atípicas de comercialização verificadas em 2018, quando a guerra tarifária entre China e EUA e a seca na Argentina acentuaram a demanda chinesa pela soja brasileira, resultando em elevações nos preços e nos volumes exportados pelo Rio Grande do Sul. Em 2019, a comercialização ocorreu em um quadro de maior oferta mundial do produto, com a retomada, embora parcial, das exportações da soja dos EUA para a China. Outro fator-chave para a queda nas vendas gaúchas do setor foi a Peste Suína Africana, que reduziu a demanda doméstica da China pela oleaginosa, culminando na queda nos volumes embarcados (-14,1%) e nos preços médios (-10,7%) das exportações gaúchas de soja.

Com um desempenho surpreendente, o setor de produtos florestais apresentou o maior crescimento absoluto no valor exportado no ano de 2019. Apesar da queda nos preços médios (-1,9%), o volume exportado em 2019 foi 49,2% superior ao ano anterior. Tendo em vista a evolução histórica do setor, é provável que o volume exportado em 2019 represente a consolidação da capacidade plena de produção de celulose pelo Estado.

Se, por um lado, a Peste Suína Africana reduziu a necessidade de soja da China para a alimentação de suínos, por outro, em compensação, contribuiu para o aumento da demanda externa por proteínas animais, o que favoreceu as vendas do setor a partir do Rio Grande do Sul. As exportações gaúchas de carnes foram puxadas pelas carnes de frango e suína, que apresentaram crescimento no valor exportado em 2019 de 46,3% e 51,9%, respectivamente, comparativamente ao ano anterior. Na carne de frango, o crescimento no volume foi mais intenso (39,2%), e, para a carne suína, houve fortes elevações nos preços médios (24,4%) e nos volumes embarcados (22,1%). As exportações de carne bovina também apresentaram crescimento em 2019, alcançando o maior volume exportado desde 2006. Apesar do crescimento nos embarques em 2019, o setor de carnes terminou o ano com volumes exportados abaixo da média histórica da última década, que se aproxima de um milhão de toneladas.

No setor do fumo, o aumento nas vendas é explicado pelo crescimento do volume embarcado (25,7%), movimento favorecido pela elevação da produção gaúcha nesse ano — 4,1%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Outra razão para o crescimento das exportações foi a expressiva elevação da demanda chinesa pelo fumo proveniente do Rio Grande do Sul.

Os principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho em 2019 foram: China (45,4%), União Europeia (14,6%), Estados Unidos (4,6%), Arábia Saudita (2,8%), Coreia do Sul (2,3%) e Irã (1,8%). Esses destinos

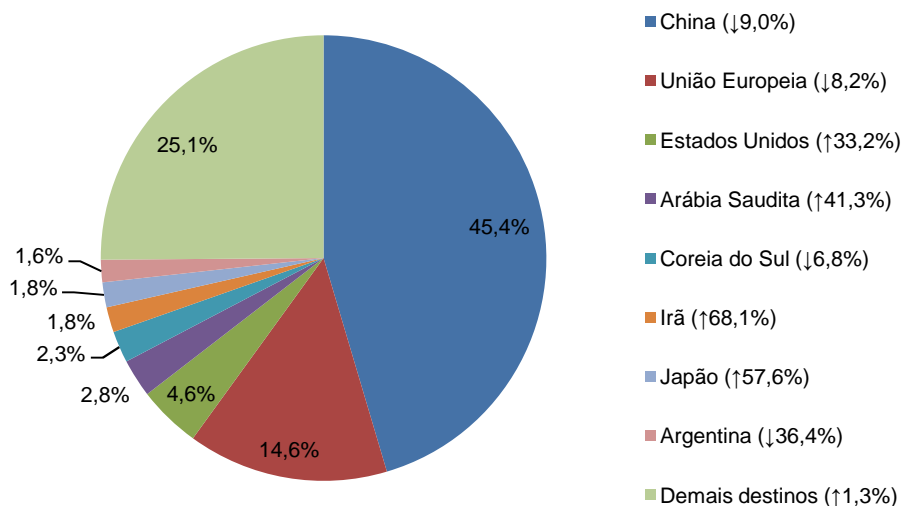
concentraram 71,4% das exportações. Entre os destinos, a China foi responsável pela maior queda absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio (menos US\$ 534,3 milhões; -9,0%). Apesar do crescimento significativo do valor das importações chinesas de celulose (mais US\$ 233,0 milhões; 75,1%), de fumo não manufaturado (mais US\$ 220,3 milhões; 135,8%), de carne suína (mais US\$ 115,0 milhões; 142,2%) e de carne bovina (mais US\$ 55,7 milhões; 154,7%), a queda nas compras de soja em grão do RS (menos US\$ 1,2 bilhão; -23,5%) superou em aproximadamente 50% o somatório dos crescimentos observados nesses produtos. Em 2019, as exportações gaúchas de carnes, celulose e fumo para a China alcançaram o maior nível desde 1997. A conjuntura comercial favoreceu a diversificação da pauta de exportações gaúcha para a China, com o aumento da participação de produtos com maior Valor Adicionado.

A União Europeia foi responsável pela segunda maior queda absoluta em valor exportado (menos US\$ 154,9 milhões; -8,2%), seguida da Argentina (menos US\$ 111,3 milhões; -36,4%) e da Índia (menos US\$ 78,2 milhões; -47,0%). As quedas nas vendas para a União Europeia e a Índia concentraram-se no complexo soja e, no caso da Argentina, no setor de máquinas e implementos agrícolas.

Contrariando a tendência geral de queda, 110 dos 185 destinos das vendas externas do agronegócio gaúcho apresentaram crescimento em valor. O maior crescimento ocorreu para os Estados Unidos (33,2%), explicado majoritariamente pelo incremento nas vendas de tratores agrícolas de baixa potência. Esse desempenho positivo também é consequência direta do conflito comercial entre os EUA e a China. Desde 2018, o Rio Grande do Sul vem suprindo os Estados Unidos de tratores de baixa potência, que, até a guerra comercial, eram importados da China. Outros destinos que apresentaram crescimento absoluto relevante no valor exportado em 2019 foram: Arábia Saudita (41,3%), Taiwan (414,7%), Irã (68,1%) e Japão (57,6%). Os produtos que se destacaram para esses destinos são a carne de frango (Arábia Saudita e Japão), a celulose (Taiwan e Japão) e o farelo e grão de soja (Irã).

Gráfico 3

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 2019



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado em 2019, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor no ano de 2019, comparativamente a 2018.

No que se refere às perspectivas para 2020, especificamente para o caso da soja, principal produto de exportação do Rio Grande do Sul, os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam a retomada das compras da soja norte-americana pelos chineses para o corrente ano comercial iniciado no final do terceiro trimestre de 2019. O movimento ainda está abaixo da média dos últimos cinco anos, mas considerável-

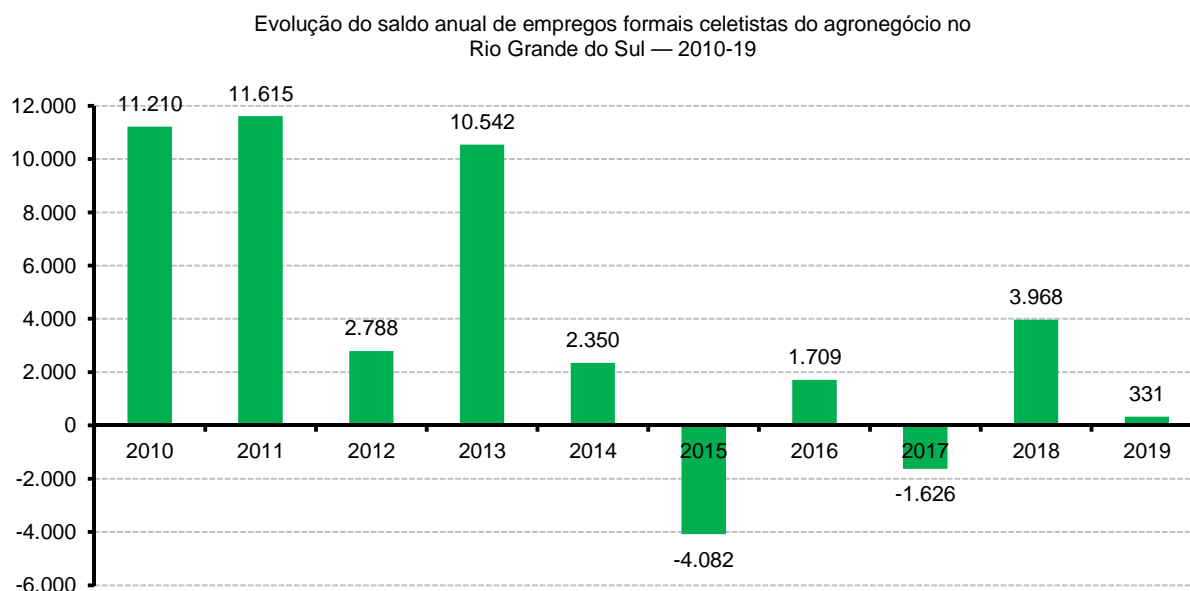
mente superior ao observado durante 2018, quando as tensões comerciais entre os dois países se intensificaram. Dados os termos do acordo comercial assinado entre China e Estados Unidos e a capacidade de oferta dos norte-americanos, é possível que o volume de soja comercializado entre esses países cresça ainda mais em 2020. Caso essa dinâmica se confirme, tende a ocorrer redução da demanda pelo produto brasileiro e, conseqüentemente, dos preços de comercialização. Soma-se a esse cenário a redução do potencial produtivo da atual safra da oleaginosa gaúcha devido à estiagem.

Para o setor de produtos florestais, que apresentou um volume exportado excepcional em 2019, será pouco provável a superação desse recorde, principalmente devido ao teto da capacidade de produção. No setor de carnes, a tendência é de continuidade dos bons resultados em 2020. As estimativas variam, mas a recuperação do rebanho suíno chinês levará no mínimo dois anos para ser alcançada, e, durante esse processo, a demanda tende a continuar forte no mercado internacional. Para o setor de cereais, que apresentou um bom resultado no ano de 2019, a despeito da queda na produção e no volume exportado do principal produto do setor (arroz), as perspectivas até o momento apontam para uma queda da produção de milho, segundo principal produto do setor, em função da estiagem. Além do milho e da soja, a cultura do fumo também foi impactada pela irregularidade das chuvas, fato que pode comprometer a produção, a qualidade do produto e os valores exportados em 2020.

2 Emprego formal

Em 2019, foi registrado saldo positivo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (173.239) foi superior ao de desligamentos (172.908), resultando na criação de 331 postos de trabalho com carteira assinada no setor, o que equivale a um aumento de 0,1% no total de empregos formais em relação a 2018.

Gráfico 4



Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

No encerramento do ano de 2019, havia 321.165 vínculos ativos de emprego com carteira assinada no agronegócio do Rio Grande do Sul. O Estado ocupa a quarta posição no *ranking* nacional, atrás de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Tabela 1

Número de empregos formais celetistas no agronegócio do Brasil e das principais unidades da Federação — 2018 e 2019

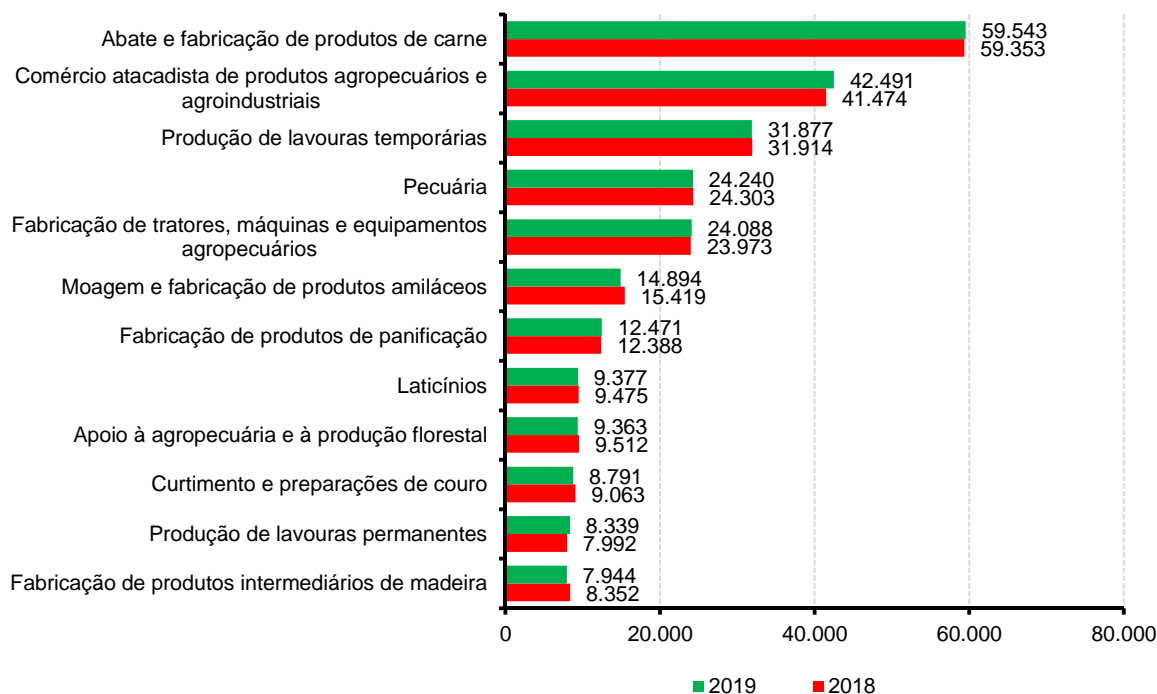
BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ESTOQUE DE EMPREGOS		SALDO EM 2019
	2018	2019	
São Paulo	984.836	989.550	4.714
Minas Gerais	542.335	546.847	4.512
Paraná	426.411	423.852	-2.559
Rio Grande do Sul	320.834	321.165	331
Santa Catarina	243.064	252.714	9.650
Goiás	229.599	231.846	2.247
Mato Grosso	210.839	217.902	7.063
Brasil	4.225.530	4.265.351	39.821

Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Os setores com maior estoque de empregos no agronegócio gaúcho são os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais e de produção de lavouras temporárias. Entre os 12 principais setores do agronegócio em termos de vínculos ativos de emprego, cinco registraram saldo positivo em 2019.

Gráfico 5

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2018 e 2019



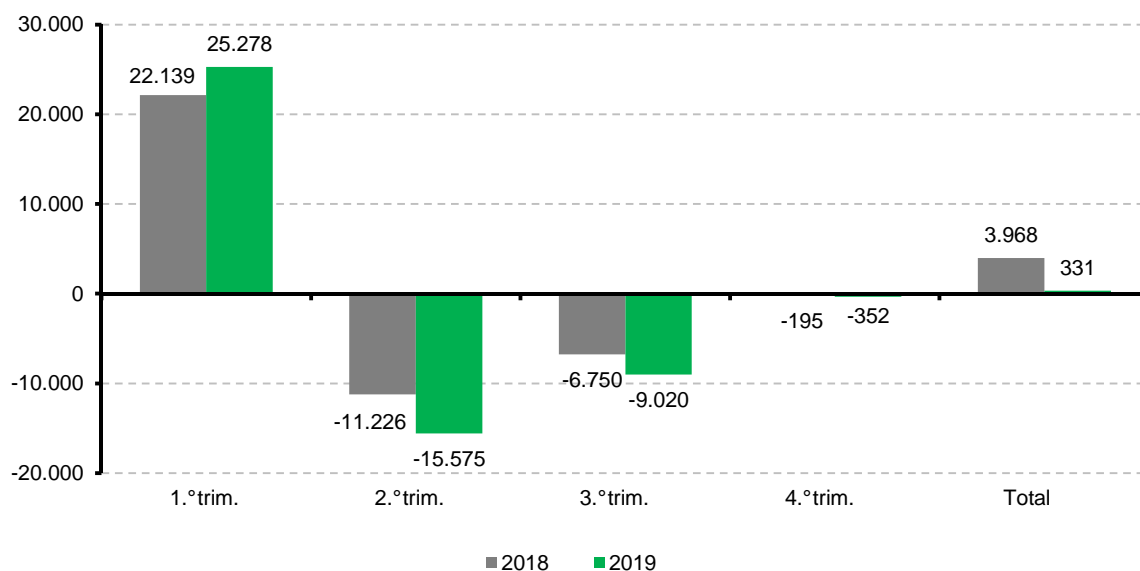
Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Ao longo do ano, o movimento de criação e perda de empregos seguiu o padrão sazonal da série. A criação de empregos concentrou-se no primeiro trimestre, em atividades direta e indiretamente vinculadas à colheita, recebimento e processamento da safra agrícola de verão no Estado, que tem como principais produtos a soja, o

arroz, o fumo, o milho, a uva e a maçã. Refletindo a dimensão da safra colhida em 2019, o número de empregos criados no primeiro trimestre de 2019 foi recorde (25.278 postos). Porém, em função do caráter temporário das contratações, também houve maior perda de empregos no trimestre seguinte (-15.575 postos), concentrada nos setores de lavouras permanentes (colheita da maçã e da uva) e de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais. No terceiro trimestre, com o encerramento do beneficiamento e processamento do fumo, o saldo negativo foi determinado pela desmobilização de trabalhadores na indústria fumageira, que se concentra na região do Vale do Rio Pardo. Historicamente, o último trimestre é o mais equilibrado em termos de admissões e desligamentos. Em 2019, a perda de 352 postos de trabalho no quarto trimestre resultou, principalmente, do desempenho da indústria de máquinas e equipamentos agropecuários, que aumentou as demissões em um quadro de redução das vendas para o Brasil e para a Argentina.

Gráfico 6

Evolução do saldo trimestral de empregos formais celetistas do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2018 e 2019



Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Os setores que mais geraram empregos no agronegócio gaúcho em 2019 foram os de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (1.017 postos), de produção de lavouras permanentes (347 postos) e de abate e fabricação de produtos de carne (190 postos). Para o setor atacadista, a alta pode ser explicada a partir das exigências de mão de obra associadas ao recebimento da safra de grãos, que, segundo o IBGE, cresceu 4,5% em relação a 2018 e foi a segunda maior da história. A disponibilidade de matéria-prima, principalmente da soja, incentivou as contratações no setor. No setor de lavouras permanentes, a criação de empregos ocorreu apesar da restrição da oferta da uva e da maçã, em um ano marcado por adversidades climáticas que impactaram o rendimento físico dessas culturas. Nos últimos meses do ano, com a aproximação da colheita da próxima safra (2019/2020), aumentou a demanda de mão de obra para o manejo das plantas e o controle de produção. Já o setor de abate e fabricação de produtos de carne atingiu o maior estoque de empregos da série histórica iniciada em 2007. Embora a criação de empregos tenha arrefecido ao longo de 2019, a expansão ocorreu sobre uma base elevada. Como assinalado anteriormente, o setor beneficiou-se de uma conjuntura internacional favorável à comercialização do produto, em função da Peste Suína Africana na China, da habilitação de novas plantas para a exportação e da retomada das vendas de frango para a Arábia Saudita.

Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no Rio Grande do Sul — 2019

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	2018	2019	
Maiores saldos			
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	495	1.017	522
Produção de lavouras permanentes	-798	347	1.145
Abate e fabricação de produtos de carne	1.543	190	-1.353
Comércio atacadista de insumos agropecuários	111	186	75
Fabricação de conservas	1.040	180	-860
Fabricação de chocolates e produtos de confeitaria	105	152	47
Fabricação de bebidas alcoólicas	308	145	-163
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	584	115	-469
Menores saldos			
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	5	-525	-530
Fabricação de produtos do fumo	119	-488	-607
Fabricação de produtos intermediários de madeira	24	-408	-432
Curtimento e preparações de couro	162	-272	-434
Produção de sementes e mudas certificadas	-113	-151	-38
Apoio à agropecuária e à produção florestal	-74	-149	-75
Produção florestal	434	-108	-542
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	3.968	331	-3.637

Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

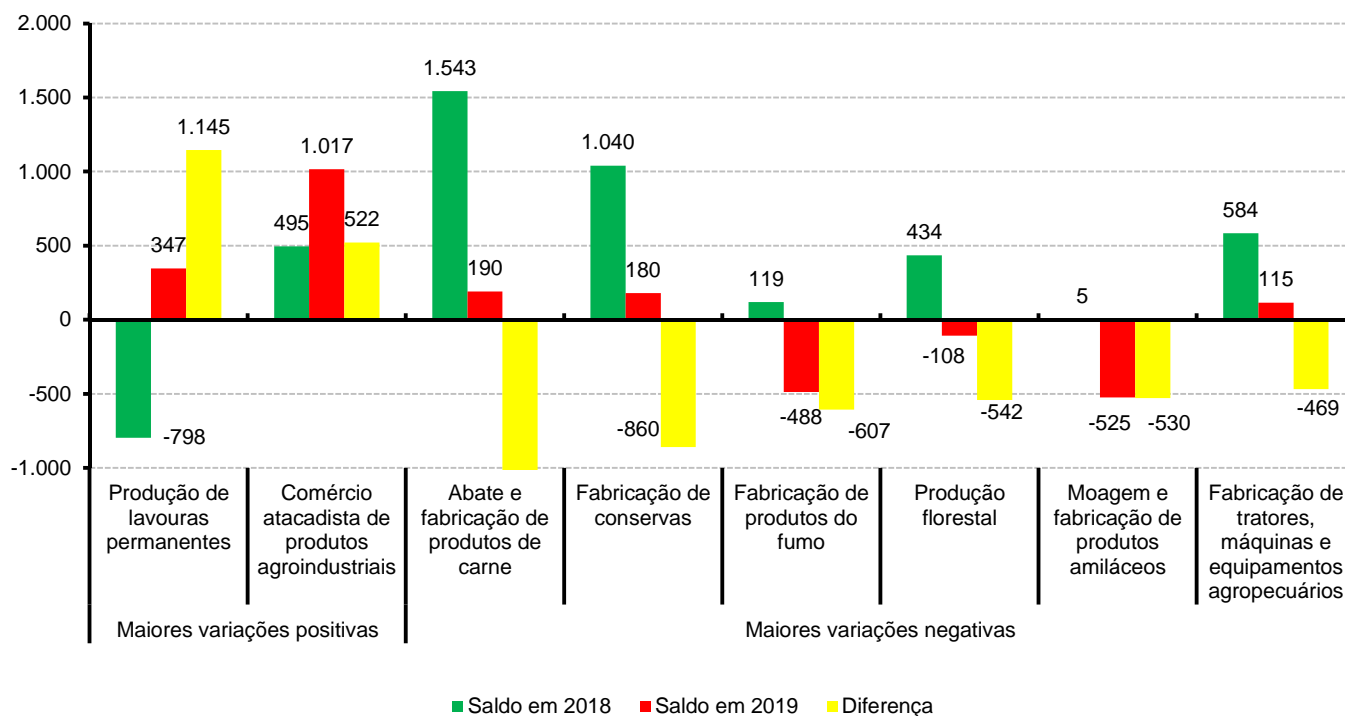
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

Por outro lado, em 2019, os setores com maior perda de empregos formais no agronegócio gaúcho foram os de moagem e fabricação de produtos amiláceos (-525 postos), de fabricação de produtos do fumo (-488 postos) e de fabricação de produtos intermediários de madeira (-408 postos). No primeiro setor, há uma preponderância da atividade de beneficiamento de arroz e, com a retração da produção colhida em 2019 (-14,6%), houve menor incentivo às contratações. Essa foi a primeira vez desde 2007 em que o setor encerrou o ano com saldo negativo de empregos, o que é mais um indicativo das dificuldades estruturais para a expansão da cultura do arroz no Rio Grande do Sul. Por razões diversas, esse é um quadro similar ao verificado há mais tempo no setor fumageiro, que tem diminuído anualmente a demanda por mão de obra no Rio Grande do Sul, em um cenário complexo, que envolve desde a redução do tabagismo, com resultante encolhimento da área plantada, até mudanças tecnológicas e organizacionais internas às firmas, além da transferência de plantas cigarreiras para outras regiões do País.

Embora tenha criado empregos, o resultado verificado em 2019 foi significativamente inferior ao do ano anterior, quando foram gerados 3.968 postos de trabalho com carteira assinada no agronegócio gaúcho. Para explicar a desaceleração da geração de empregos em 2019, podem-se classificar os setores em dois grupos principais. O primeiro é formado por aqueles que, em 2018, recompuseram os quadros funcionais e contrataram menos em 2019. Notadamente, enquadram-se nessa situação os setores de carnes, fabricação de conservas e fabricação de máquinas e equipamentos agropecuários. Em uma segunda categoria, estão os setores com saldo positivo em 2018 e que passaram a fechar postos de trabalho em 2019, como os de fabricação de produtos do fumo, produção florestal, moagem e fabricação de produtos amiláceos e curtimento e preparações de couro. Além disso, é importante referir que apenas os setores de produção de lavouras permanentes e de comércio atacadista de produtos agropecuários aumentaram significativamente a criação de empregos em relação ao ano anterior.

Gráfico 7

Maiores variações setoriais no saldo de empregos formais do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2019/2018



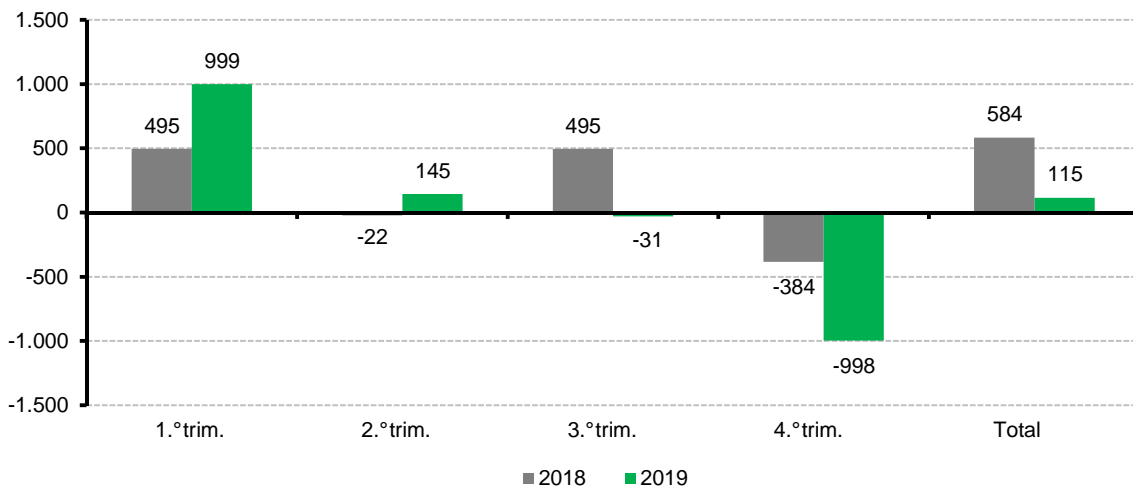
Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

Especificamente no setor fabricante de máquinas e equipamentos agropecuários, os resultados do quarto trimestre confirmaram a desaceleração do ritmo de atividade produtiva. Até o terceiro trimestre, o setor liderava a criação de empregos formais no agronegócio gaúcho. Porém, ao longo do ano, foram frustradas as expectativas de recuperação sustentada das vendas de colheitadeiras e tratores no território brasileiro, culminando em desaceleração da produção e em aumento das demissões no quarto trimestre (-998 postos). Segundo os números da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as vendas nacionais de máquinas agrícolas recuaram 13,3% em 2019. Apesar da safra recorde no Brasil, os investimentos em bens de capital na agricultura não aumentaram, principalmente em função do aumento das taxas de juros e do contingenciamento de recursos aplicados ao financiamento nas modalidades de crédito geridas pelo Governo Federal. Para o ano de 2020, as primeiras projeções da Anfavea apontam para um cenário de leve retomada das vendas de máquinas agrícolas, sustentadas principalmente pelo mercado doméstico. Em 2019, o Rio Grande do Sul respondeu por 33,6% dos empregos formais do setor no Brasil.

Por fim, em se tratando da distribuição regional dos empregos formais criados em 2019, observa-se o predomínio das mesorregiões Nordeste (mais 1.129 postos) e Noroeste (mais 754 postos). Enquanto, na mesorregião Nordeste, os setores que mais criaram empregos foram os de carnes e de lavouras permanentes, na Noroeste os saldos positivos concentraram-se no comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais. Por outro lado, as mesorregiões Metropolitana e Sudoeste registraram as maiores perdas de emprego em 2019, em função dos desempenhos regionais dos setores de carnes e de cultivo de cereais (arroz) respectivamente.

Gráfico 8

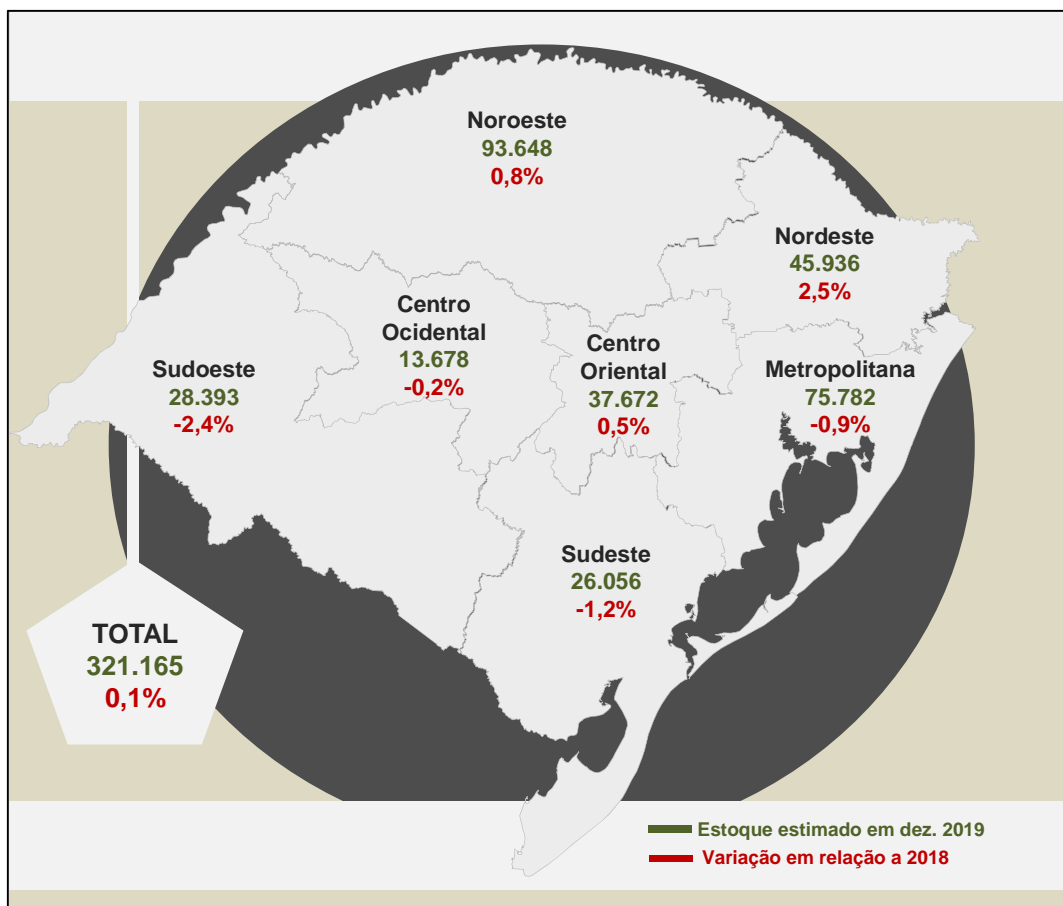
Saldo de empregos no setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários do Rio Grande do Sul — 2018 e 2019



Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

Figura 1

Estoque de empregos formais no agronegócio nas mesorregiões geográficas do Rio Grande do Sul — 2019



Fonte dos dados brutos: Secretaria do Trabalho/Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Apêndice

Tabela A.1

Tabela resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2019

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	Valor (US\$ FOB)	Participação %	Variação			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
Soja	4.925.511.276	41,6	-1.494.706.324	-23,3	-14,1	-10,7
Soja em grão	4.076.441.019	34,4	-1.196.911.249	-22,7	-14,7	-9,4
Farelo de soja	774.555.981	6,5	-200.752.788	-20,6	-7,9	-13,8
Óleo de soja	74.514.276	0,6	-97.042.287	-56,6	-51,4	-10,5
Carnes	1.684.403.302	14,2	437.344.080	35,1	29,5	4,3
Carne bovina	260.724.187	2,2	21.761.691	9,1	4,4	4,5
Carne suína	408.382.466	3,4	139.500.206	51,9	22,1	24,4
Carne de frango	903.613.246	7,6	286.109.477	46,3	39,2	5,1
Produtos florestais	1.539.419.013	13,0	487.847.524	46,4	49,2	-1,9
Madeiras em bruto e manufaturas de madeira ...	237.483.064	2,0	16.454.774	7,4	18,8	-9,6
Celulose	1.279.342.849	10,8	480.490.807	60,1	89,2	-15,4
Fumo e seus produtos	1.771.127.639	14,9	216.742.844	13,9	25,7	-9,4
Fumo não manufaturado	1.636.830.113	13,8	204.020.164	14,2	22,4	-6,6
Cereais, farinhas e preparações	547.947.219	4,6	59.903.003	12,3	24,6	-9,9
Trigo	109.880.049	0,9	69.838.292	174,4	140,4	14,2
Milho	103.025.095	0,9	85.346.871	482,8	482,1	0,1
Arroz	324.355.030	2,7	-96.735.396	-23,0	-28,3	7,4
Máquinas e implementos agrícolas	293.288.534	2,5	13.339.376	4,8	3,7	1,0
Couros e peleteria	305.954.300	2,6	-46.322.862	-13,1	-5,6	-8,0
TOTAL	11.852.665.079	100,0	-384.001.062	-3,1	-1,0	-2,2

Fonte: Secretaria do Planejamento, Orçamento e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (Seplag/DEE).
Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secretaria de Comércio Exterior (MDIC/Secex).